



VI Simpósio Nacional de **HISTÓRIA CULTURAL** Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

O CARNAVAL NO CENTRO DA CIDADE: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO LOCAL DA FESTA EM FORTALEZA

Tiago Cavalcante Porto*

A rua é larga e a calçada é pra lá de larga. A gente vê árvore, vê os pássaros... O vento faz a árvore chorar. E algum chuvisco que vinha de atrevido, não nos pegava porque as árvores protegiam. O Carnaval é Duque de Caxias, se mudar o Carnaval daquele trecho acabou.¹

1

No trecho destacado da entrevista, percebemos o modo como o compositor Luiz Assunção liga os festejos carnavalescos ao Centro da cidade de Fortaleza, ressaltando aquele espaço como locus imprescindível para a permanência ativa do carnaval. A Av. Duque de Caxias, uma das artérias mais importantes do Centro de Fortaleza, serviu como passarela para o carnaval durante muito tempo. Os desfiles tinham a sua concentração muitas vezes no Passeio Público, percorriam algumas ruas do centro até chegarem nas arquibancadas montadas na Avenida Duque de Caxias.

* Mestrando em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE

¹ O trecho foi retirado de uma entrevista cedida à Rádio Universitária FM, feita no ano de 1982, para o Programa *Coisas Nossas*. Nela, Luiz Assunção fala, além de outros assuntos, de suas impressões sobre o carnaval de Fortaleza daquele ano (1982). Luiz Assunção, além de trabalhar em Rádios da Cidade, como a Ceará Rádio Clube, foi compositor de vários sambas, marchas, valsas e baiões. Além disso, tem um papel importante no Carnaval Cearense. Foi componente da Escola de Samba Lauro Maia, que desfilava nos carnavais da Cidade. Em 1945 emprestou o seu nome para a Escola de Samba Lauro Maia, que nesse ano passa a se chamar Luiz Assunção. Com essa denominação a Escola de Samba veio a ser campeã do Carnaval nos anos de 1946 a 1949.

O Carnaval se insere nas práticas culturais da cidade como um fenômeno essencialmente urbano. No caso de Fortaleza foi o centro da cidade, desde o século XIX, onde se brincou o Carnaval de rua. Ao buscar uma compreensão das festas carnavalescas ocorridas no Ceará, nas décadas de 70, 80 e 90, percebe-se uma série de disputas em torno dos lugares de festejos tradicionais. Por muitas vezes esses locais foram sendo modificados. A partir da década de 1990 os desfiles foram levados para a Domingos Olímpio. Hoje esse é o local oficial dos desfiles de Blocos, Maracatus e Escolas de Samba em Fortaleza.

Nesse período, entre as décadas de 1970 e 1990, os modos de habitar, as atividades de comércio e lazer sofrem significativos processos de modernização, ocorrendo assim um processo cada vez maior de descentralização. Em diferentes temporalidades, a Prefeitura de Fortaleza interfere, na realização do carnaval, construindo significados modernizantes na festa. De outro lado os blocos, cordões, maracatus e os próprios foliões tentam se adequar a essas novas configurações das festas. As ruas, novas avenidas, praças e vias, com as suas mudanças, exerciam influências sobre a configuração dos folguedos ocorridos no período.

Nas diversas leituras feitas sobre o carnaval de Fortaleza, percebo que o Centro da Cidade foi o palco principal daquela festa durante muitos anos. Mesmo com o crescimento do Carnaval dos Clubes, que foi recorrente durante as décadas de 30, 40 e 50, as ruas do centro continuaram sendo palco para os festejos. Na cidade, desde o início o século XX os folguedos eram festejado nas ruas e nos clubes. As tensões em torno dos festejos podem ser percebidas nas críticas da imprensa local, colocado em segundo plano pelos jornais, o chamado “carnaval de rua” acontecia no Centro de Fortaleza com uma significativa participação da população.

Ao observarmos o centro de Fortaleza hoje, vemos que em alguns poucos casos ele se enquadra no calendário festivo da cidade. Poucas são as manifestações culturais festivas que tem esse espaço da cidade como local principal². Diferente do que era observado durante grande parte do século XX quando as ruas centrais, juntamente com suas praças eram os locais onde se festeja as festas carnavalescas.

² Blocos de pré-carnaval ainda conseguem levar grande público à Praça do Ferreira, por exemplo o “Concentra Mas não sai” que consegue um público de vinte mil pessoas.

Diversos trabalhos de historiadores, sociólogos e antropólogos nos mostram um panorama diferente em relação à existência de um carnaval em Fortaleza ao longo do Século XX. Carlos Henrique Moura Barbosa³ em seu trabalho de pesquisa mostra uma cidade bastante envolvida com os festejos carnavalescos nas décadas de 1920 e 1930. Festas que ocorriam nas ruas e nos clubes da cidade. Em seu trabalho o autor traça um perfil dos sujeitos que praticavam os festejos carnavalescos na cidade e destaca o centro de Fortaleza, na década de 1920, como um dos principais locais de festejo

A Praça do Ferreira, durante os dias de carnaval, era o ponto de concentração dos mais diferentes foliões. Essa praça, nas horas dedicadas a Momo, constituía-se em um espaço onde os brincantes iam para ver e para ser vistos. Ao atentar para esse logradouro, enxergam-se os diferentes carnavais presentes nos diferentes espaços da cidade e, também, as interações que ocorriam na praça entre os mais diferentes sujeitos. (BARBOSA, 2011, p. 46)

Durante o todo o século XX ocorrem diversas modificações e transformações nos modos de se brincar o carnaval de Rua em Fortaleza. No período analisado pelo pesquisador Carlos Henrique, e ainda em algumas décadas depois, o período momino, era festejado nas ruas e praças do centro da cidade. Nesse momento trabalhado pelo autor, já se percebe a presença de uma população menos favorecida no carnaval, o que foi se intensificando durante os as décadas seguintes.

Além do patrimônio material, as ruas são constituídas por um conjunto patrimonial imaterial que com suas passeatas, feiras, festas e carnavais formam a identidade de uma cidade. E é através do estudo dessas festas que se pode entender o patrimônio cultural como um espaço de memória. Dessa forma é necessária atenção aos modos de diversão coletiva e como os fortalezenses nas décadas de 1970, 1980 e 1990 buscaram organizar o seu carnaval. É necessária também atenção às modificações ocorridas nos locais dos desfiles organizados pela Prefeitura Municipal. Ao fim dos anos 60 o carnaval organizado pela prefeitura estava sendo realizados quase todos os anos na Avenida Duque de Caxias, no centro da cidade.

³ BARBOSA, Carlos Henrique, A decadência de Momo ou outros carnavais? Passeios inferenciais sobre os carnavais na cidade de Fortaleza nas décadas de 1920 e 1930. In: BARBOSA, Carlos Henrique Moura; ALVES, Raquel da Silva; VIANA, Mário Martins Júnior (Org.) **Fortaleza sob outros olhares – Cultura & Cidade. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar**, 2011. P. 17-51.

O carnaval era vivenciado no centro da cidade. O itinerário que os Blocos, Escolas, de Samba, Ranchos e Maracatus faziam, tendo a Praça do Ferreira como o seu ponto de saída e de chegada, mostram o centro povoado com os festejos. Essa forma do desfile, com o curso alternando o seu percurso entre ruas largas, ruas estreitas e praças nos dão uma impressão de uma proximidade maior da população, permitindo uma maior interação e contato com as agremiações que desfilavam.

Atentamos para esse momento, principalmente o início da década de 1970, em que o espaço do carnaval fortalezense vem sendo experimentado por diversos sujeitos. Os brincantes dos folguedos fazem parte dos mais diversos extratos sociais, que mesmo sem serem bem vistos ocupavam os espaços, buscando o seu lugar no meio das brincadeiras do carnaval. Em algumas oportunidades os jornais mostravam preocupação com as mudanças e como os foliões iriam ter acesso aos festejos. Como em 1975, quando a Tribuna do Ceará traz o seguinte texto

Mais longínqua ainda a época em que as vias públicas eram ornamentadas a capricho..., a Praça do Ferreira era o coração da folia, qual sempre foi o da cidade. Sem nos atermos a maiores indagações, poderíamos lembrar, inclusive, que o afastamento dos locais dos desfiles, que dantes eram nas ruas centrais, cooperou efetivamente para amortecer o ímpeto de muita gente. Dificilmente um habitante de Antônio Bezerra, por exemplo, se entusiasma com a perspectiva de atravessar a cidade lado a lado para ir brincar hoje, na Aguanambi. Dir-se-á que o fato não é relevante. Entretanto não deixa de ter sua importância. Mesmo nestes tempos difíceis, um coisa é alguém ir assistir a um curso na Senador Pompeu ou na Duque de Caxias e outra é deslocar-se para pontos distantes, obrigado a tomar mais de um ônibus numa cidade precariamente servida como a nossa.⁴

4

Em 1976, tem destaque nos jornais a proibição do Presidente da Federação dos Blocos quanto a saída nas ruas da “Charanga do Gumercindo”⁵. Segundo o jornal o Presidente alegou que “os componentes da charanga costumavam brigar com os demais componentes de blocos carnavalescos, além de criarem confusões com foliões dos chamados bloco dos sujos”. A retirada dessa “Charanga do Gumercindo” dos desfiles mostra a forma como eram as disputas em torno dos locais de desfile. Esse espaço

⁴ Coluna Coisas do Carnaval, publicada em 12 de fevereiro de 1975

⁵ Notícia publicada em 13 de fevereiro de 1976. De acordo com o jornal essa charanga saía há mais de 10 anos no carnaval de Fortaleza, e tinha por característica não possuir filiação com nenhum bloco, escola de samba ou maracatu.

destinado às Escolas de Samba, Maracatus, Cordões e Ranchos recebia também os sujeitos, que não estavam ligados a nenhuma agremiação. Para as autoridades o papel da população era somente o de assistir aos desfiles. A Charanga transitava nesse espaço destinado ao desfile, também sem estar ligada a nenhuma agremiação, convidando a população para a avenida. Para Silva (2008, p. 29) “a incorporação dos segmentos populares implicou para as elites pensar esses campos culturais, a partir de uma única dimensão”. O modo pensado pelas elites era o de submeter os folguedos populares aos seus valores, buscando a aceitação de um modelo único de carnaval. Para Silva (2008, p. 30) esse processo ocorre em cidades como São Paulo, se completando na década de 1960.

Durval Muniz cita Michel de Certeau para explicar que os espaços são lugares praticados e também são fruto dos relatos destas práticas e representações que aí ocorrem. O autor pensa o espaço não somente como cenário, mas como o resultado de um “conjunto de cenas que ocorrem dentro de uma determinada temporalidade” (ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 82). É entendendo essas práticas que ajudavam a construir esse espaço do carnaval de Fortaleza no período, que conseguiremos compreender quais as temporalidades que estavam em disputa e contribuindo para a existência desses diversos carnavais. Para Durval Muniz “analisar a história dos espaços é submeter à crítica as relações de força, relações de poder, que em todo o tecido social distribuem lugares, demarcam territórios e domínios.” (ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 75).

Compreendendo-se a trama do carnaval, entenderemos também a configuração do espaço da festa. Para Durval Muniz cada atividade humana carrega em si uma dimensão espacial que a ela pertence e por ela é definida (ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 72). Quando analisamos o carnaval, quando percebermos o modo como era debatido o seu formato, as suas mudanças dos locais de festejos, o modo como eram postas as críticas sobre os praticantes e frequentadores dos festejos, estamos vendo surgir, na perspectiva de Durval Muniz, o espaço carnavalesco em Fortaleza no final do século XX (ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 73).

A questão passa a ser como se dá a constituição do espaço carnavalesco em Fortaleza. Michel de Certeau, em sua análise sobre os locais da cidade coloca “que o

espaço é um lugar praticado” e que “os relatos efetuam, portanto um trabalho que incessantemente transforma lugares em espaços ou espaços e lugares” (de CERTEAU, 1994, p. 202-203). No caso do carnaval, os brincantes, os foliões, o poder público, os espectadores, foram os agentes transformadores desses espaços na cidade. Esses sujeitos, com os seus modos de brincar, com a aceitação passiva ou não das mudanças de lugares do carnaval é que vão mostrar como foram as tramas para a constituição do espaço dessas festas carnavalescas em Fortaleza. Dessa forma destaca Queiroz (1999, p. 220) “a coletividade urbana na qual está implantada a festa permanece seu componente fundamental, determinando a forma que tomarão os folguedos”.

Entender o que era o Carnaval para a população de Fortaleza nas últimas décadas do século XX, entender o que o poder Público Estadual, Municipal, brincantes, presidentes de Federação entendiam como carnaval, é necessário para compreender entender as mudanças ocorridas. Essas variadas concepções da festa tendem a exercer influência sobre as configurações da festa carnavalesca no período. Algumas transformações ocorrem na concepção do que é o carnaval de Fortaleza, certamente essas mudanças de concepção influenciam para as mudanças de locais da festa.

Para Felipe Ferreira “quando uma dada sociedade determina que essa ou aquela festa é um Carnaval, seu objetivo é instaurar um espaço de disputa específico” (FERREIRA, 2005, p. 323) . São as práticas, os sujeitos, com os seus saberes e repletas de jogos de poder que realizam esse carnaval do fim do século XX. As festas são sempre recriadas e apropriadas, contendo as paixões, os conflitos, as crenças e as esperanças de seus próprios agentes sociais e é através da festa que pode se conhecer melhor a coletividade e a época em que aconteceram (ABREU, 1999, p. 38).

Festa comumente alçada a símbolo nacional, o carnaval desperta as mais variadas lembranças e sentimentos. As memórias sobre a festa carnavalesca são tão múltiplas quanto as suas formas de ser festejada. O Carnaval Brasileiro está longe de ter uma unidade em sua forma e concepção. Nas diversas regiões, estados ou cidades brasileiras encontramos diferentes formas de se festejar o período momino. Assim encontramos nos festejos os mais diversos espectadores, brincantes, foliões e trabalhadores. Atualmente, para muitos moradores a cidade de Fortaleza o que caracteriza o Carnaval são os desfiles de maracatus na Avenida Domingos Olímpio,

fazendo parecer que na cidade não há carnaval de rua. Outro discurso corrente é que o carnaval, em nosso estado, acontece somente nas cidades do interior, principalmente nas praias. Identificamos também a ideia de que Fortaleza, no carnaval, é um ótimo local para o descanso, atraindo assim pessoas que não gostam de muita folia.

As abordagens clássicas que tratam do carnaval o entendem como uma festividade cujo simbolismo central está na sua ligação com o seu início milenar, sendo necessária uma busca por um passado tradicional de comemorações carnavalescas para torná-las legítimas. Esse tipo de análise deixa em segundo plano as transformações ocorridas nos modos de festejar. É nesse sentido que o olhar do historiador social analisa a festa nos dias de hoje, problematizando, percebendo as imbricações das diferentes temporalidades vivenciadas nos festejos do carnaval.

O autor Felipe Ferreira, no seu livro *Inventando Carnavais – O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*, explica que “se a festa carnavalesca possui características que assinalam sua universalidade, será na grande diversidade de suas manifestações que se deve buscar seu sentido”(FERREIRA, 2005, p. 316). Dessa forma é preciso evidenciar a síntese das diversas temporalidades, do seu caráter crítico e de sua inegável inserção nas questões sócio-políticas e culturais no presente de cada carnaval.

Para pesquisar o carnaval de um local é necessário pensarmos nas memórias que se criam sobre esses festejos. Compreender como o carnaval mexe com os sentimentos, lembranças e saudades de uma população. Ter noção de que os participantes e brincantes possuem uma relação sentimental com os festejos e com o local onde eles são praticados, e a forma como dão diversos significados à festa. Assim a memória do carnaval é determinada dentro desses processos de disputa de espaço e poder. Dentro de todo esse processo se encontram os jogos de disputa pela memória do evento festivo. São essas disputas que determinam os poderes sobre o carnaval, seu espaço e conseqüente memória que se privilegia sobre ele. O carnaval passa por momentos de nascimentos e renascimentos. Em alguns momentos ele parece mais forte e em outros parece nem existir. O que determina essa ideia que se tem sobre os festejos são as batalhas pela memória que se travam na sociedade. A manipulação desse processo de lembrar e esquecer, será determinante na luta pelo poder sobre a festa

(FERREIRA, 2005, pág 298). Ferreira remete a Peter Burke, para demonstrar como esse autor mostra que o espaço deve ser considerado como um dos meios de comunicação dessa memória.

Assim, é pertinente interpretar o que significava para os brincantes do carnaval estar participando dessa festa nas três últimas décadas do século XX. Estamos em contato com uma Fortaleza que está se modernizando, que não tem mais o centro como seu principal local de moradia. Trata-se de um momento em que a população do Ceará já está em contato com a televisão. E que através desse meio de comunicação, era influenciado em seu cotidiano. O carnaval precisa ser entendido como espaço de lazer e como uma prática de sociabilidade dessa população. Sujeitos que tinham no período momino também uma forma de se mostrar nas ruas e buscar nesses locais sua forma de festejar, articulando temporalidades e espacialidades. Buscando assim o seu lugar no carnaval e na cidade que se modifica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8

ABREU, Martha, *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. São Paulo: Fapesp, 1999.

ADERALDO, Mozart Soriano, *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 1993.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de, *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

BARBOSA, Carlos Henrique Moura, ALVES, Raquel da Silva e VIANA, Mário Martins Júnior (orgs.). *Fortaleza sob outros olhares – Cultura & Cidade*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

BARROS, José D'Assunção, *Cidade e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BORGES, Vanda Lúcia de Souza, *Carnaval de Fortaleza: tradições e mutações*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado, 2007.

BURKE, Peter, *História e teoria social*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de e GONÇALVES, Renata, orgs., *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2002.

FERREIRA, Felipe, *Inventando carnavais: o surgimento do Carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HALBWACHS, Maurice, *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSELLECK, Reinhart, *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Edipuc-Rio, 2006.

MARTINS, Clerton (org.). *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Roca, 2006.

OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya, *Fortaleza: velhos carnavais*. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Zélia Lopes da, *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008.

TINHORÃO, José Ramos, *A imprensa carnavalesca no Brasil: um panorama da linguagem cômica*. São Paulo: Hedra, 2000.